


Ministério

Adventista

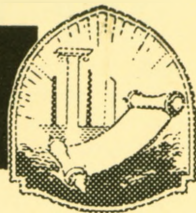
Janeiro-Fevereiro de 1966

“O campo da colportagem está necessitado de recrutas. Os que se dedicam a esta obra no espírito do Mestre acharão entrada nos lares dos que necessitam da verdade. A êstes podem êles contar a história singela da cruz, e Deus os abençoará e fortalecerá ao levarem outros para a luz. A justiça de Cristo vai adiante dêles, e a glória de Deus é sua recompensa.” — *O Colportor-Evangelista*, pág. 16.



“O mundo deve receber a luz da verdade mediante o ministério de evangelização da Palavra em nossos livros e periódicos.”

O Colportor-Evangelista, pág. 5.



Como Ganhar mais Almas

D. A. MCADAMS

Diretor de Colportagem da Associação Geral

O PASTOR tem muitos deveres que cumprir: Cuidar das finanças da igreja, promover vigorosamente as campanhas oficiais, preparar bons sermões, visitar os membros de sua igreja e cuidar do rebanho.

Por esse motivo não lhe sobra muito tempo para visitar as pessoas não adventistas do seu distrito. Para realizar este grande objetivo, é necessário haver colportores em cada distrito da Associação. Quando todo distrito estiver bem dotado de eficientes e dedicados colportores, poderá ser visitado cada lar do território.

Ao visitar os lares, o propósito do colportor não é somente vender publicações, mas também ganhar mais almas. Quando ele encontra indivíduos definitivamente interessados na religião, pode dar seus nomes e outras informações ao pastor. Então o pastor e o instrutor bíblico cultivam esse interesse mediante estudos bíblicos. Nessa primeira visita, o colportor deveria acompanhar o pastor ou o instrutor, e apresentá-los com delicadeza e diplomacia. Em seguida ele continua o seu evangelismo de casa em casa.

Para levar a efeito este plano, são necessários muitos colportores. Sendo que isto ajudará o pastor a ganhar mais almas, convém que ele realize tudo o que estiver ao seu alcance para recrutar mais colportores. Como poderá fazê-lo?

1. Proferindo palavras de ânimo aos colportores que já estão em seu distrito, convidando-os ocasionalmente à plataforma, mencionando de vez em quando do púlpito a importância da colportagem, e incentivando os membros a ingressar nesta nobre obra.

2. Convidando o diretor de colportagem, uma vez ao ano, para assistir a uma reunião da comissão da igreja. Nessa reunião o pastor pode manifestar sua preocupação pela colportagem e dar ao diretor alguns minutos para explicar a grande necessidade de mais colportores.

Convém pedir então aos membros da comissão que recomendem nomes de pessoas da igreja que possam tornar-se bons colportores. Após a reunião, o pastor e o diretor podem estudar esses nomes e juntos visitar esses irmãos.

3. Nas reuniões de colportagem ouve-se frequentemente a expressão: "Lembro-me bem de quando o Pastor Fulano me cumprimentou ao sair da igreja e me convidou a ser colportor. Isso me animou a ingressar nesta obra."

Naturalmente, o pastor conhece melhor os membros de sua igreja do que o diretor de colportagem, e pode estudar suas possibilidades e estender a alguns deles um convite definido para entrarem na colportagem. Este procedimento exerce verdadeiro impacto sobre os membros e os ajuda a pensar seriamente em ingressar neste importante ramo da obra de Deus.

4. Quando nalguma igreja são realizadas reuniões ou congressos de colportagem, a assistência do pastor a essas reuniões animará os que decidiram ser colportores, e também realçará a dignidade e a importância desta obra perante os membros da igreja, levando-os a pensar profundamente em empenhar-se nela.

Como pode o pastor ganhar mais almas? Ajudando a recrutar mais colportores. Estes obreiros podem visitar às pessoas não adventistas e cooperar com o pastor em descobrir interessados.

Suponhamos que o colportor encontre cada semana duas pessoas interessadas em conhecer melhor a Bíblia. Nas 50 semanas de trabalho do ano, serão 100 interessados. Suponhamos também que mediante cuidadoso e inteligente cultivo desse interesse, 10% dos interessados sejam ganhos para a verdade. Isto significará 10 pessoas mais batizadas pelo pastor, cada ano. Mesmo que essa porcentagem atinja apenas 5%, ainda dará ao pastor a oportunidade de batizar cinco pessoas mais por ano.

Pastôres, nós vos convidamos a usar a singular posição que desfrutais na igreja para incentivar alguns membros a se tornarem colportores. Certamente, são os melhores membros que fazem falta para esse trabalho. Ajudando os dirigentes do Departamento de Publicações, achá-los-eis ansiosos de cooperar convosco, para que possais aumentar o número de vossos batismos.

Sete Maneiras de Aumentar os Batismos

NICOLÁS CHAIJ

Diretor do Departamento de Publicações da Divisão Sul-Americana



UMA informação esclarecedora apareceu faz poucos meses no boletim do Departamento de Publicações da Divisão Interamericana. Mencionava que o Pastor Américo Ciuffardi batizara num ano 270 almas na cidade de S. Domingos. E citava estas eloqüentes palavras do Pastor Ciuffardi: "Aproximadamente 45% das almas ganhas em nosso distrito durante o ano de 1964 foram levadas a Cristo pelos colportores."

Faz alguns anos, o Pastor Arturo Schmidt, diretor associado do Departamento Ministerial da Divisão Sul-Americana, realizou uma frutífera série de conferências na cidade mais austral deste continente: Punta Arenas. Terminadas as conferências, o Pastor Schmidt descobriu que aproximadamente 25% das pessoas batizadas haviam sido fregueses do colportor Arnoldo Vásquez, que êle levava às conferências.

O trabalho combinado do pastor e do colportor pode ser muito produtivo, causando tão admirável resultado, que convém considerar as seguintes sete maneiras em que o pastor pode aumentar seus batismos por êsse meio:

1. Indaguei faz pouco ao Pastor Plácido Pita, que trabalha com êxito no Nordeste brasileiro, como êle fazia para batizar 200 almas por ano, como sucedeu em 1964. Sua resposta foi reveladora. Mostra a maneira como êle sabe aproveitar o trabalho dos colportores. Dê-se modo nos últimos anos, introduziu nossa obra em 25 lugares novos no seu distrito de Ipiaú, Bahia.

Seu método é simples: "Sigo as pegadas dos colportores," respondeu êle. "De que maneira?" insisti. Contou-me então que êle sempre pede colportores para seu distrito, e cada vez que o colportor regressa de um giro pelo território, o Pastor Pita conversa com êle, indaga como foi e quais os interessados que encontrou. Em seguida êle atende êsses interessados.

E parece que Deus oferece providências especiais aos pastores que seguem êste plano. O próprio Pastor Pita me contou um caso nôvo e emocionante.

Encontrava-se êle na cidade de Vitória da Conquista quando um homem alto, que viera de longe, o visitou e lhe pediu que fôsse a sua casa a fim de batizá-lo. Chegando à re-

sidência dêsse homem, o pastor encontrou quinze pessoas guardando o sábadado, devido à leitura de um livro adventista. Desde os primeiros estudos, os componentes dêsse grupo começaram a dar o dízimo.

Em suas viagens, em seu contato com os passageiros e com o povo das localidades que visita, o Pastor Pita tem o costume de perguntar se sabem de alguém que estuda a Bíblia e guarda o sábadado. Assim descobriu recentemente outro grupo de 30 observadores do sábadado.

Em outras palavras, os colportores e as publicações deixam atrás de si muitos interessados na verdade, cujo número está crescendo. Se ninguém procura e atende a êsses interessados, êles se esfriam ou se unem a outras igrejas evangélicas, como ocorre com freqüência. Mas se o colportor solicita informações dos colportores e do povo de seu distrito, e atende êsses interessados, encontrará agradáveis surpresas, que aumentarão o resultado e a alegria do seu trabalho.

2. Há poucos dias, por providencial casualidade, li sôbre um nôvo e eficaz método para capitalizar o trabalho dos colportores. O artigo falava de um pastor que muitas vêzes acompanha o colportor de seu distrito, nas entregas que faz. Os resultados são surpreendentes. Depois que o colportor entrega os livros e guarda o dinheiro, o pastor salienta o valor espiritual dêsses livros e do estudo da Bíblia. Oferece então estudos bíblicos ao comprador. E a notável declaração dêsse pastor é que poucos recusam seu oferecimento, e dos que aceitam os estudos, boa parte continua estudando a verdade até serem batizados.

Às vêzes um pastor descobre o êxito missionário de algum colportor, e solicita ao Campo que o empregue para ser seu auxiliar na obra bíblica. É recomendável retirar os colportores do trabalho que Deus lhes designou, para ocupá-los na obra bíblica, no magistério ou no escritório?

A resposta inspirada é interessante e até incrível; pois embora a Sr^a White aprove que o evangelista se dedique a colportar, desaprova que o colportor seja retirado de sua vocação. Diz ela: "Colportores têm sido chamados de sua obra evangelística para se empenhar em outro trabalho. Isto não é como devia ser." — *O Colportor-Evangelista*, pág. 7.

Por outro lado, declara ela sobre os pregadores: "O ministro-evangelista que se empenha na colportagem está realizando um serviço tão importante quanto a pregação do evangelho." — *Idem*, pág. 45.

3. Devido ao conselho anterior, talvez alguns dirigentes recomendassem a seus pastôres dedicar algumas horas por semana à venda de nossas revistas de casa em casa, com o objetivo de descobrir interessados.

Um entusiasta defensor deste método foi o Pastor Walter Schubert, agora evangelista jubilado da Associação Geral, o qual quando era presidente de Campos locais, até saía com seus novos obreiros para realizar de casa em casa esse produtivo trabalho.

4. Alguns meses antes de ser preparado este artigo, um colportor visitou o diretor da Sociedade Ministerial do Chile, e quando lhe ofereceu nossa bela revista "Vida Feliz," esse dirigente espalhou-se em entusiásticos elogios acerca dessa revista, pediu ao colportor que lhe anotasse o nome na lista dos assinantes, deu-lhe o nome de 600 pastôres dessa Associação, para que os visitasse, e entre outras coisas disse o seguinte: "Com essa revista ganhei há pouco tempo dez pessoas para o evangelho."

Faz alguns anos havia na Argentina um pastor metodista que, por incrível que pareça, distribuía mil exemplares por mês de nossa revista missionária, "porque me ajuda em minha obra evangélica," dizia ele.

Se nossas atraentes e bem preparadas revistas missionárias auxiliam os pastôres evangélicos a ganhar mais almas, não ajudarão com muito mais razão aos pastôres adventistas que as distribuam? Muitos pastôres adventistas compram, de seu próprio bolso ou de seu orçamento evangélico, 20, 50 ou mais revistas por mês, para dar inteligentemente aos seus interessados. Por que não podem todos os obreiros seguir este método?

5. O destacado evangelista internacional, Carlos Aeschlimann, realizou certa vez duas séries de conferências na cidade argentina de Tucumán, onde há vários anos trabalhava o colportor Emilio Stanimirov. O pastor pediu ao colportor a lista de seus fregueses. Recebeu mil nomes, e a todos eles foram enviados convites para as conferências. No final dessa campanha

evangelística, o Pastor Aeschlimann descobriu com grande alegria que o rol das pessoas batizadas fôra acrescido de 31 fregueses do colportor.

6. Durante 15 anos, o Pastor G. E. Burnside, diretor da Associação Ministerial da Divisão Australasiana, tem seguido um plano especial de cooperação entre ele e os colportores, que lhe vem possibilitando batizar "vintenas de interessados trazidos pelos colportores," segundo suas próprias palavras.

Eis aqui o plano: 1) Selecionar alguns colportores. 2) Mandá-los colportar na localidade, dois meses antes de serem iniciadas as conferências. 3) Garantir-lhes certo lucro mínimo para seu sustento. Caso os colportores não alcancem esse lucro com suas vendas, o Campo completa a quantia. Se ganham mais, fica para eles. 4) Quando começa a campanha, os colportores convidam os seus interessados para as conferências.

O Pastor Burnside acrescenta que seu plano não é unilateral. Lembrando-se de que os colportores têm de ganhar o sustento próprio, procura ajudá-los de várias maneiras. Nalguma reunião lhe é entregue a pergunta: "Um jovem me visitou e me ofereceu 'O Conflito dos Séculos,' dizendo que o senhor o recomendava. É verdade isso?" Ele recomenda então o livro e o colportor às pessoas presentes.

Também fornece aos colportores os nomes das pessoas que receberam estudos e se ausentaram das conferências. Assim, sem perder algo, ajuda os colportores a realizar boas vendas que encerram futuras possibilidades missionárias.

7. Isto nos traz à memória o bom procedimento seguido cada vez mais pelos pregadores sul-americanos que apresentam o curso para deixar de fumar em cinco dias. Uma vez terminado o curso, o diretor do mesmo entrega aos colportores o nome de todos os que se inscreveram nele, tanto os que conseguiram deixar de fumar como os que não o fizeram. Dêsse modo o colportor deixa com essa boa gente a mensagem doutrinária que pode produzir excelente fruto espiritual.

Por meio destes pontos, podem os pastôres aproveitar o trabalho dos colportores, para aumentar o número de almas ganhas. Convém pois que cada pastor anime os melhores membros de sua igreja a dedicarem-se à colportagem.

Se há alegria no Céu por um pecador que se arrepende, maior é essa alegria quando persuadimos um crente capaz a dedicar-se à colportagem.

O Livro de Atos do Século Vinte

(Como uma Equipe de Obreiros Leigos Iniciou uma Reação em Cadeia)

JORGE A. COFFEN

Pastor da Igreja de Berrien Springs, Michigan



O GRANDE movimento de ação cristã do primeiro século acha-se registado no livro de Atos, e quão glorioso é êsse relato! No século vinte podemos e devemos escrever um nôvo livro de Atos, a fim de preparar um povo para a breve volta de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Naquele tempo o evangelho foi pregado a "toda criatura," pelos esforços conjuntos dos ministros e dos membros leigos. Todo converso produzia outros conversos. A comissão evangélica somente poderá ser cumprida hoje em dia, no século vinte, por meio de idêntico movimento de ação cristã que mais uma vez associe as consagradas energias tanto dos ministros como dos membros leigos. "Cada pessoa que professa a verdade deve ser um pregador vivo." — *Testimonies*, Vol. 1, pág. 260.

Enquanto eu era pastor da igreja de Providência, Rhode Island, em sentido restrito, vi êste livro de Atos para o século vinte ser escrito por consagrados colportores trabalhando junto com os membros e seu pastor. Frank Nieb, dedicado e ativo membro dessa igreja, era linotipista no jornal daquela cidade. Sob o ponto de vista do mundo, era muito bem sucedido em seu trabalho e ganhava excelente salário. Mas não se sentia plenamente feliz. Possuía belo lar, encantadora esposa e admirável família. Gozava de boa reputação na vizinhança e na igreja, mas não estava contente consigo mesmo. Desejava realizar mais coisas para o Senhor, e durante algum tempo colportou nas horas vagas, conservando ao mesmo tempo o emprêgo no jornal.

Dentro em breve, porém, Frank tornou-se desassossegado. Começou a experimentar a convicção de que devia trabalhar o tempo todo como colportor-evangelista. Várias vezes Frank e eu oramos juntos a respeito dessa convicção. Sua família e a igreja também oravam. Quando se ora desta maneira, algo é capaz de ocor-

rer. Nunca me esqueço do dia em que êle e a esposa vieram ver-me. Consideramos o assunto em meu escritório, encarando-o sob todos os aspectos. Em seguida nos ajoelhamos juntos, mencionando a promessa: "Onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, ali estou no meio dêles." Quando nos erguemos da oração, tínhamos os olhos cheios de lágrimas, mas acabara de ser tomada uma decisão. Frank e a esposa resolveram que êle passaria a ser colportor-evangelista de tempo integral. Jamais se arrependeram dessa decisão. Foi bem sucedido desde o início, sendo o primeiro colportor na Nova Inglaterra do Sul a vender 20.000 dólares de livros num só ano. Durante os últimos anos Frank tem sido diretor associado do Departamento de Publicações daquela Associação.

Sob a bênção divina, Frank Nieb começou a escrever êsse capítulo no livro de Atos do século vinte. Ao ir de porta em porta, vendendo livros repletos da verdade, também procurava oportunidades para dar estudos bíblicos. Logo apareceram tantos, que não conseguia vendê-los. Solicitou a minha ajuda. Passei a visitar o lar da família Matteson. Isto resultou no batismo, primeiro da Sr^a Matteson e suas duas filhas, e mais tarde do próprio Sr. Matteson. Esta família e o irmão Nieb começaram a interessar-se na família Bosworth, dando-lhe estudos bíblicos e procurando conduzi-la à verdade. Novamente foi solicitada minha ajuda, e depois de vários meses tive o privilégio de batizar o Sr. Raul Bosworth e seu filho Norman. O Sr. Bosworth era construtor, e o empregamos, após sua conversão, para edificar nossa igreja em Wickford, Rhode Island, o que nos poupou muito dinheiro. Assim foi escrita outra página no livro de Atos.

O irmão Bosworth desejava que o irmão Nieb desse estudos bíblicos ao Sr. e à Sr^a Richard, mas Frank, muito ocupado para dar mais estudos, persuadiu o próprio irmão Bosworth a fazê-lo. Ele me pediu que o fôsse auxiliar, e

Catorze Erros

1. Querer impor aos outros nosso conceito quanto à justiça ou injustiça, julgando-os por êle.
 2. Medir as alegrias dos outros pelas nossas.
 3. Esperar uniformidade de opinião neste mundo.
 4. Esperar juízo e experiência da parte de todos.
 5. Procurar moldar uniformemente todos os ânimos.
 6. Olhar para trás em vez de para diante.
 7. Acabrunhar a nós mesmos e aos outros sôbre aquilo que não pode ser remediado.
 8. Recusar-nos a ceder em questões sem importância.
 9. Recusar-nos a ajudar onde se precisa de auxílio, quando está em nosso poder.
 10. Não ser condescendente para com as fraquezas alheias.
 11. Considerar como impossível tudo aquilo que não conseguimos.
 12. Só acreditar no que nosso finito espírito abrange.
 13. Esperar poder compreender tôdas as coisas.
 14. Viver sem Deus neste mundo, quando qualquer momento nos pode levar à eternidade.
- *Seleto.*

alguns meses após estudar com os Richards, que eram católicos romanos, coube-me a honra de batizar aquêle casal. Pouco depois o Sr. Richard se tornou colportor, e passou a dar estudos bíblicos à Sr^a June Randall. Mais tarde passou êsse encargo para mim, e dentro de alguns meses tive a alegria de batizar a Sr^a Randall. Fôra escrita outra página no livro de Atos.

Não demorou muito, e Frank Nieb interessou outras pessoas na verdade, e comecei a dar estudos à Sr^a W. Brown e à sua filha, Sr^a Maria La Porte. No fim da série, ambas as senhoras foram batizadas. Seu auxílio tem sido uma bênção para a igreja.

Franklin Greene, dedicado ancião da igreja de Burrillville, Rhode Island, ganhou a Sr^a Mildred Fenley e seu filho, Eugênio, para a mensagem adventista. Eram duas pessoas dentre pelo menos uma dúzia de almas que êste membro leigo e sua fiel espôsa trouxeram para a verdade. A Sr^a Fenley ingressou na colportagem e tem sido muitíssimo bem sucedida. Não

só vendeu constantemente, através dos anos, muita literatura e livros repletos da mensagem, mas sob a bênção divina ajudou a ganhar pelo menos dezesseis almas para Cristo. Seu leal testemunho contribuiu grandemente para o estabelecimento duma pequena igreja em Putnã, Connecticut. Pouco antes de eu me haver mudado do distrito de Rhode Island, a Sr^a Fenley levou-me para realizar uma reunião numa espaçosa casa de família, e até o presente duas pessoas foram batizadas ali como resultado dêsses trabalho.

Unindo seus esforços com os do ministro, conforme recomendou a serva do Senhor, êsses leais colportores e membros leigos participaram na Salvação de aproximadamente quarenta almas.

Queira o Senhor abençoar nossos consagrados colportores e dedicados membros leigos que aplicam seu tempo na obra de ganhar almas, compondo assim diariamente o livro de Atos do século vinte.

Qual a Impressão que Temos da Colportagem?

A MAIORIA dos obreiros adventistas têm uma impressão correta da colportagem, e seu elevado apreço para com esta grande obra é uma fonte de inspiração para os colportores e seus diretores, no delicado trabalho que realizam, de capital importância para a evangelização do mundo.

Por outro lado, o pastor que tenha um conceito pobre da colportagem, exerce uma influência que diminui o número dos que ingressam nesta obra e aumenta o número dos desertores.

Recentemente, um pastor deu um sombrio conselho a certo diretor de colportagem. Disse-lhe: "Não convide êsse irmão para colportar, pois é um homem capaz, que tem um bom emprêgo." Felizmente e em todo caso, êsse candidato entrou na colportagem, e desde o início teve notável êxito financeiro e missionário. Está ganhando mais dinheiro do que recebia em seu bem remunerado emprêgo anterior, e goza de uma felicidade não encontrada em qualquer outro trabalho secular.

Em contraste com o caso anterior, há um Campo que está resplandecendo. Durante várias décadas foi êle considerado difícil para a colportagem. Nestes últimos anos, porém, chegou um nôvo presidente que aprecia grandemente esta obra, e compreende suas imensas possibilidades de ganhar almas. Como resultado, nesse Campo que parecia árido, hoje se vê um verdadeiro despertar. Em poucos meses triplicou seus colportores, em 1964 foram batizados 61 conversos ganhos por êles, e até já foram encontrados dois grupos de observadores do sábadô.

Deus tem dito grandes coisas da obra publicadora. Nestas cinco enfáticas declarações, notemos o alto conceito que Êle tem da colportagem:

1. "Não podemos avaliar demasiadamente esta obra." — *O Colportor-Evangelista*, pág. 6.
2. "Não há obra mais elevada do que a da colportagem evangelística." — *Idem*, pág. 12.
3. "A importância desta obra é perfeitamente igual à do ministério." — *Idem*, pág. 8.
4. "Nossos colportores" são "evangelistas de Deus." — *Idem*, pág. 39.
5. "O colportor inteligente, temente a Deus

e amante da verdade, . . . ocupa uma posição igual à do ministro evangélico." — *Idem*, pág. 44.

Por que usa o Senhor essas vigorosas afirmações? Porque se não fôsse a colportagem, "muitos nunca ouviriam a advertência" (*Idem*, pág. 6.), e porque "o mundo deve receber a luz da verdade mediante o ministério de evangelização da Palavra em nossos livros e periódicos" (*Idem*, pág. 5.).

Convém lembrar dois fatos inspiradores: Os grandiosos resultados que a colportagem alcançou no passado, e a obra decisiva que fará no presente e no futuro próximo.

Ao contemplar o passado, destacam-se três fatos luminosos: Primeiro, a partir do século doze, graças a seus corajosos colportores, os valdenses comoveram a Europa, chegaram a lugares remotos, ganharam milhares de conversos e prepararam o ambiente para a Reforma.

Segundo, o rápido e irreprimível êxito da Reforma deu-se em grande parte devido à resoluta contribuição das centenas de colportores de Lutero, que espalhavam os escritos dos reformadores pela Europa.

E terceiro, como disse alguém: "A igreja remanescente não estaria onde está, se não fôsse seu exército de colportores, que corajosa e abnegadamente se une aos ministros, para propagar a verdade final em qualquer parte."

A colportagem adventista tem iniciado a obra da verdade presente em muitos países, introduzindo-a em milhares de lares e contribuindo em "grande medida" para terminar sua pregação.

Em 1880 a irmã White afirmou que nossas publicações são instrumento para levar a Cristo *tantas almas* quantas a palavra pregada (*O Colportor-Evangelista*, pág. 150). E cinco anos mais tarde declarou que a *maioria* dos que se converterão nos últimos dias, "atribuirão suas primeiras convicções à leitura de nossas publicações" (*Idem*, pág. 151).

Quando os administradores e os ministros locais têm esta visão divina da colportagem e promovem esta obra, aumentam seu próprio êxito. Em 1964 foram batizadas na Divisão Sul-Americana 1.430 almas ganhas pela colportagem. Na Divisão Interamericana os colportores

(Continua na pág. 10)

A "Justiça Pela Fé" Incentivou a Associação Ministerial - II

LEROY EDWIN FROMM

Professor Emérito de Teologia Histórica, na Andrews
University

"Cristo Nossa Justiça" — O Notável Pioneiro



MINHA primeira tarefa ao chegar a Washington foi ajudar o Pastor A. G. Daniells a completar seu grandioso livro *Christ Our Righteousness* (Cristo Nossa Justiça), que êle estivera preparando há quase um ano. Êste precioso volume adventista exerceu tremenda influência naquele tempo — em especial sôbre os obreiros mais novos. E foi para êsses jovens que o Pastor Daniells se voltou, contando com êles — homens de energia e visão, sem as cicatrizes, recordações e desvantagens das batalhas dos anos anteriores. Suas esperanças basearam-se nêles. Estava persuadido de que corresponderiam à expectativa.

Por estranho que pareça, sôbre muitos outros isto não parecia exercer qualquer atração especial — de maneira idêntica à variada recepção que o avivamento da mensagem da justiça pela fé experimentou durante e depois de 1888. Com efeito, essa parece ter sido a dupla reação sempre que esta sublime verdade tem sido posta em evidência. Naturalmente, não devemos ficar perplexos com isso.

Christ Our Righteousness (Cristo Nossa Justiça) foi portanto o primeiro livro da Associação Ministerial em sua espécie. Constituiu notável pioneiro, e preparou o caminho para a ênfase sôbre a transformadora experiência e testemunho que Deus espera de Seu ministério no tempo final da História. Desejo acentuar que êsse precioso livro deve estar na biblioteca de cada obreiro e estudante de teologia. Convém que seja conhecido a fundo e se torne uma parte de nossa vida e ministério. É um esquema para a triunfante conclusão da derradeira mensagem de Deus ao homem, sob a influência do Espírito Santo.

Folhetos e Livro Comprobantes — O Passo Seguinte

O próximo desafio foi a oportunidade proporcionada pela Assembléia Geral de Milwau-

kee, no verão de 1926. A direção das horas de estudo bíblico dessas reuniões foi confiada a homens intimamente relacionados com a Associação Ministerial. Entre outros, incluíam a A. G. Daniells, W. W. Prescott, Oliver Montgomery, E. K. Slade, I. H. Evans e Carlyle B. Haynes. Suas apresentações foram poderosas. Sendo-lhes dada a forma de folhetos, constituíram a próxima contribuição literária da Associação Ministerial. Eram nove em número e também exerceram efeito duradouro.

Convém acrescentar que nesta Assembléia Geral, o Pastor Daniells renunciou às suas funções como um dos secretários da Associação Geral, que desempenhara juntamente com as suas responsabilidades na Associação Ministerial. Sua afeição e interesse centralizavam-se nos objetivos, possibilidades e deveres da obra ministerial.

Em resultado de minha colaboração com o Pastor Daniells, eu iniciara anteriormente intensivo estudo pessoal do Espírito Santo. Devido a isso, foi-me solicitado dar um estudo sôbre o Espírito Santo na Assembléia de Milwaukee. Semelhante fato conduziu a que me fôsse designada a tarefa de apresentar uma série de exposições sôbre êsse importante assunto, nos congressos ministeriais da União Norte-Americana. Êstes estudos, dados por meio de apontamentos, foram, a pedido, reunidos num livro, intitulado *The Coming of the Comforter* (A Vinda do Consolador). Assim foi produzido o segundo livro da Associação Ministerial, promovendo explicitamente êsses elevados assuntos espirituais, e ajudando a tornar em realidade a aspiração do Pastor Daniells, referente a uma literatura corroborante, que perdurasse.

Boletins Mimeografados Preparam o Terreno Para a Revista *The Ministry*

O Pastor Daniells imaginara, porém, uma revista para os pregadores, que com freqüência regular incentivasse êsses importantes objetivos. Necessitava de um periódico pelo qual pudesse falar a todos os obreiros. A princípio, essa proposta contou com decidida oposição. "Temos uma revista oficial da igreja," diziam alguns, com veemência. Não havia necessidade,

alegavam êles, de uma revista especial. Ela custaria muito dinheiro, e não valeria a pena. Uma página — ou mesmo duas páginas — na *Review* seriam suficientes, e atingiriam não somente nossos ministros, mas também os membros leigos. Tomariam providências nesse sentido. Foi uma verdadeira batalha. E os que controlavam as finanças venceram a primeira escaramuça.

Não devíamos, porém, ficar completamente derrotados. Elaborou-se um plano para ininterrupto contato com os vários grupos de obreiros, por meio de periódicos circulares mimeografados — não muito usados naqueles dias. Nós os atingiríamos por grupos. Uma série foi preparada para pastôres, outra para evangelistas e ainda outras para cantores-evangelistas e obreiros bíblicos — como eram chamados então — bem como para professores de Bíblia em nossos colégios e ginásios, capelões em nossos sanatórios, e outros grupos. Tornou-se um tanto complicado, conforme havíamos previsto, mas foram providenciadas as condições de funcionamento.

Os Opositores Percebem a Realidade da Questão e Acabam Aquiescendo

Êsses boletins apareceram com bastante regularidade e foram bem acolhidos. Mas propalou-se a notícia de que havia outras circulares. Os obreiros duma categoria logo pediram para ser incluídos nas outras listas. Os pastôres e os cantores-evangelistas solicitavam o material dos evangelistas, os capelões queriam os pontos apresentados nos boletins destinados aos obreiros bíblicos, e assim por diante. Era exatamente o que desejávamos, a fim de alcançar o maior número com suas respectivas mensagens. Elas eram cada vez mais apreciadas e pedidas com insistência. Para dizer a verdade, as listas aumentaram progressivamente, até se tornarem muito difíceis de manejar, e dispendiosas.

Finalmente, certos dirigentes relutantes perceberam a realidade da questão. “Deixemos que os irmãos da Associação Ministerial tenham a sua revista. Ela atingiria todos os obreiros, e provavelmente não sairia mais caro.” Destarte, em janeiro de 1928, foi impresso o primeiro exemplar da revista *The Ministry*, redigida pela Associação Ministerial e publicada pela *Re-*

view and Herald. Fôra ganha outra batalha tática. Proveu-se outro meio de publicidade. Realizara-se outro sonho do Pastor Daniels.

(Continuará no próximo número)

Qual a Impressão . . .

(Continuação da pág. 8)

ganharam também, nesse ano, várias centenas de almas. Assim, ajudando a aumentar o número de colportores, os ministros aumentam seus batismos.

O ministro que aprecia realmente a colportagem, não precisará dizê-lo, porque seus colegas e sua congregação o notarão. O número de revistas que êle e sua igreja distribuam, o êxito da Semana de Extensão Missionária, o número de candidatos que êle ganhe para a colportagem, demonstrarão o quanto êle aprecia a colportagem.

O pastor que tenha no coração a impressão correta da importância evangelizadora da colportagem:

1. Apresentará em sua igreja o programa anual de recrutamento.

2. Animará os membros capazes de sua igreja a ingressar na colportagem.

3. Dará oportunidades regulares ao diretor de colportagem para pregar e recrutar em sua igreja.

4. Convidará ocasionalmente os colportores que têm capacidade, para ajudá-lo nas partes preliminares do culto.

5. De vez em quando aproveitará os cinco minutos missionários para apresentar alguma vibrante experiência de colportagem.

E o administrador, seja presidente ou secretário, fará o mesmo em todo o seu Campo. Além disso, assistirá à assembleia anual de colportagem, aos seus avivamentos e congressos, para realçá-los com sua presença e prestar sua cooperação.

Em resumo, o ministro que aprecia a colportagem, mantém perante sua congregação a elevada e santa vocação do colportor, convida os membros mais aptos para se dedicarem a essa sagrada obra, e anima sua congregação a participar regularmente nela; e como feliz resultado, aumenta o êxito de sua própria e grandiosa obra de salvar almas. — NICOLÁS CHAIJ.

Quando o Pastor persuade os melhores membros de sua igreja a dedicarem-se à colportagem, não somente aumenta sua própria alegria e êxito, mas presta a êsses membros o maior favor do mundo — o de conduzi-los à rica experiência espiritual que êle mesmo desfruta, a experiência de serem missionários de Deus, instrumentos de salvação.

EVANGELISMO - Almas para Deus



Grande Cruzada Evangelística no México

ROY F. WILLIAMS

Secretário-Tesoureiro da União Mexicana

QUANDO Paulo visitou Atenas, "o seu espírito se comovia em si mesmo, vendo a cidade tão entregue à idolatria." O mesmo ocorre ao chegar-se à pujante cidade do México.

O visitante teria sua primeira surpresa ao comprovar a magnitude desta cidade que conta com seis milhões de habitantes, uma famosa universidade, magníficos tesouros históricos e arqueológicos; em suma, é a maior cidade da Divisão Interamericana e uma das maiores da América Latina e do mundo.

A segunda surpresa o entristeceria, pois embora a União Mexicana possua mais de 31.000 membros, na capital só há seis igrejas, poucos membros e reduzido número de instituições.

Mas o visitante teria uma terceira surpresa, ao inteirar-se de que nos últimos meses foram construídos três lindos templos e está sendo realizada a maior cruzada evangelística na história da União Mexicana.

Convidou-se o Pastor Carlos E. Aeschlimann, evangelista da Associação Bonaerense, da América do Sul, para dirigir-se ao México a fim de realizar as conferências. Formou-se uma grande equipe de 33 obreiros provenientes das seis Missões locais. Dentre eles, oito são alunos do Colégio Superior de Montemorelos e três são professores do Colégio Linda Vista. Ao reunir estes obreiros, planejou-se organizar uma escola de evangelismo teórico e prático.

Preparação e Organização da Campanha

Vários meses antes de serem iniciadas as conferências, diversas comissões trabalharam arduamente preparando os pormenores da campanha. O Pastor Sérgio Moctezuma, diretor de Atividades Missionárias da União, dirigiu enérgica campanha com os membros leigos, conseguindo centenas de interessados. Também foi reforçada a obra pelo rádio. Para obter nomes e endereços por meio de um questionário, visitaram-se cerca de 20.000 lares.

Os planos gerais da campanha foram elaborados por uma comissão presidida pelo presidente da União mexicana, Pastor Alfredo Aeschlimann. Além disso, foram nomeadas as seguintes comissões: (1) Imprensa, (2) Relações Públicas, (3) Mobilização Leiga, (4) Música, (5) Finanças, (6) Arte, (7) Publicações e (8) Acomodadores.

Os obreiros foram divididos em três grupos, dirigidos pelos pastores: Samuel Guízar, Xavier Soto Valle e José Corral. O presidente da Missão Central, Pastor José Castrejón, atuou como chefe geral do pessoal.

Foi maravilhosa a colaboração prestada por todo o pessoal da União, da Missão Central, da Sociedade de Publicações, que doou 700 Bíblias, e dos membros da igreja, que colaboraram de maneira extraordinária na obra missionária, dando também 1.400 Bíblias.

Abrem-se Portas

Deus abriu portas que numa grande cidade geralmente estão fechadas. Referimo-nos às "portas" dos jornais, do rádio, da televisão e das entidades culturais. A Comissão de Imprensa, dirigida pelo Prof. Davi Garcia Poyato, conseguiu que todos esses meios de difusão publicassem reportagens e anúncios, de maneira gratuita.

Ao chegar o conferencista de Buenos Aires, à 1:30 da madrugada do dia 29 de setembro, todos os principais jornais e estações de televisão enviaram repórteres. Em seguida, conseguiu-se que publicassem reportagens de quase todos os atos principais. Toda esta propaganda teria custado aproximadamente uns 5.000 dólares.

Várias entidades culturais convidaram o Pastor Carlos Aeschlimann para apresentar conferências especiais. Entre elas a entidade mais famosa do México — O Instituto de Seguro Social. O salão providenciado para esse fim, si-

tuado bem no centro da cidade do México, encheu-se ao máximo de sua capacidade, e 600 pessoas não puderam entrar. Disseram as autoridades que essa foi a conferência a que compareceram mais pessoas em toda a história do Seguro Social. Foram proferidas 12 conferências nessas entidades, com um total de 5.000 ouvintes.

Um dos aspectos mais extraordinários foi a pronta cooperação dos meios de publicidade. Os jornais, o rádio e a televisão abriram suas portas de par em par. Atualmente estão sendo preparados microprogramas de rádio e televisão que serão transmitidos gratuitamente. Desta maneira espera-se levar a mensagem a três milhões de pessoas.

Início das Conferências

No sábado 17 de outubro, pairava um ar de expectativa entre os obreiros e membros da cidade do México. Nessa noite começou a primeira conferência na igreja de Anáhuac. Compareceram 600 pessoas. Na noite seguinte iniciou-se o ciclo na igreja de Tacubaya. Aproximadamente 1.000 pessoas assistiram às duas sessões. Três semanas depois, começou a terceira série, em Portales, com 700 ouvintes. Daí em diante houve duas conferências aos sábados e domingos e uma conferência cada noite, ou sejam três conferências em cada ciclo, com um total de nove conferências por semana.

Durante as duas primeiras semanas foram obtidos cerca de 2.500 nomes, que a equipe de obreiros visitou. Atualmente, 1.150 pessoas, em média, freqüentam as reuniões, e é maravilhoso ver as três igrejas constantemente repletas de sinceros investigadores da verdade.

A Bíblia nas Mãos do Público

Se tivéssemos o privilégio de entrar numa destas reuniões, veríamos uma Bíblia nas mãos de cada pessoa presente. Toda vez que o conferencista menciona um texto bíblico, centenas de indivíduos abrem suas Bíblias, lêem cuidadosamente o texto, sublinhando-o depois. É emocionante notar o tremendo interesse do público no estudo da Bíblia.

Como meio de evangelização, está sendo dirigido um Curso Bíblico, e os que o freqüentam regularmente receberam a Bíblia como presente. Nos três cursos estão inscritos 1.689 alunos.

Abrem-se as Portas dos Lares

Em cada aula do Curso de Evangelização ministrado em conexão com a série de conferências, salientou-se que o êxito da campanha dependeria da obra bíblica pessoal. Tanto entusiasmo demonstraram os obreiros neste aspecto da obra, que provavelmente a parte mais ex-

traordinária da campanha seja o maravilhoso trabalho que os obreiros realizam nos lares. Presentemente estão sendo dados estudos bíblicos em 600 lares, a mais de 1.400 pessoas interessadas.

Bom Material Evangelístico

Sendo que a campanha é também uma escola, imprimiu-se como material de evangelismo: a) uma série de folhetos para entregar nos lares, b) uma série de 22 estudos bíblicos, c) um livro mimeografado contendo as conferências proferidas, d) uma pasta com a história da série e o material empregado, e) um livro impresso pela comissão de imprensa, f) um disco com música de marimba, coros e quarteto, g) um filme dos principais eventos da série.

Primeiros Frutos

No sábado e domingo 19 e 20 de dezembro, nossos obreiros e membros no México tiveram um dia emocionante. Foi celebrado o primeiro batismo em duas igrejas. Em cerimônias solenes e muito bem organizadas, foram batizadas as primícias da cruzada evangelística: 56 preciosas almas. Responderam ao fervoroso apêlo do evangelista, quase 300 pessoas. Estão programados vários batismos mais. Os obreiros e os membros oram para que se convertam ali 500 almas até o fim de 1965.

A primeira pessoa batizada foi um jovem médico que atualmente se aperfeiçoa no Hospital Branson, de Toronto, Canadá. Também foi rebatizado o estimado irmão Vicente Rodríguez, antigo presidente de uma Missão local. Este irmão foi submergido pelo presidente da Missão Central, o qual por sua vez fôra ganho e batizado pelo irmão Rodríguez quando era pastor. Uniu-se igualmente ao Senhor um irmão que conhecia a verdade há 20 anos, ganhara muitas almas e que se decidiu nesta série de conferências. Foi emocionante presenciar o batismo da esposa de um general, à qual os médicos não davam esperança de cura e a quem o Senhor levantou pela oração.

Alguns Dados Interessantes

Questionários respondidos (20.000 lares visitados)	1.378
Assistência média durante as primeiras conferências	1.898
Nomes obtidos nas reuniões	2.500
Alunos inscritos no Curso Bíblico	1.689
Lares em que estão sendo dados estudos bíblicos	600
Número de pessoas que recebem estudos bíblicos	1.400
Pessoas batizadas (8 semanas após o início da série)	56

(Continua na pág. 14)



O Obreiro e suas Finanças Pessoais

NOÉ ÁVILA

Secretário-Tesoureiro da Associação Paranaense



TODOS nós procuramos resolver diariamente e do melhor modo possível os problemas relativos à aquisição de bens de consumo e a capitalização de nossas economias, dentro de nossos rendimentos, de modo a conseguirmos proteção máxima contra as vicissitudes da vida.

Não há duas famílias que gastam suas rendas da mesma maneira. Os estudos sobre este assunto, mostram que há certa regularidade em média razoável, no modo pelo qual as pessoas gastam o que ganham: em alimento e vestuário. Há centenas de investigações e pesquisas sobre orçamento familiar, visando saber como as famílias e pessoas efetuam suas despesas em diferentes níveis de renda.

Analisando o problema, notamos que as famílias pobres gastam, forçosamente, grande parte de seus rendimentos na aquisição do essencial à vida, como alimento, abrigo, e, em menor grau, vestuário. À medida que a renda cresce, a despesa com aquisição de muitos e variados tipos de bens de consumo aumenta; às vezes possuímos um excedente para empregar em artigos que são considerados de luxo, e até certo ponto dispensáveis.

Há, entretanto, limite para a quantidade de dinheiro excedente; a proporção entre a renda e a despesa deve ser bem calculada. É, portanto, muito útil planejarmos um orçamento familiar. É necessário fazermos uma previsão de nossa renda, diante da fixação de uma despesa a ser realizada.

Muitas vezes encontramos obreiros que têm dificuldades para viver dentro de seus rendimentos. Constantemente estão comprando, levados por um impulso qualquer, sem planejamento. Para muitos "O ORÇAMENTO" é desconhecido, e muitos especialmente para os devedores que

preferem evitá-lo. Aquêles que estão sempre em dificuldades financeiras, deveriam experimentar e colocar em prática um orçamento e não atribuir erroneamente as suas dificuldades financeiras à falta de fundos. Segundo tesoureiro de um Sindicato de Crédito, muitos "não querem encarar a realidade."

Num artigo da revista "Times," comentou o autor: "Ele não aprendeu pela experiência que não importa quanto ganha, nunca é suficiente..." Infelizmente é a realidade para muitos de nossos obreiros que não querem executar um orçamento.

Se pusermos os nossos gastos à prova de orçamento, iremos descobrir que provavelmente estamos passando sem as coisas que realmente desejamos, visto que o nosso dinheiro está sendo gasto em comprar artigos que facilmente poderiam ser evitados.

O orçamento é, na sua força e essencialmente, uma questão de planejar; não é guardar apenas um registro. É um plano bem delineado para distribuição equitativa da renda de modo a proporcionar a cada membro da família a máxima satisfação; é, na concepção muito simples, dizer ao seu dinheiro aonde deve ir, ao invés de se perguntar aonde foi.

O orçamento não deve constituir-se em algo enfadonho e em desmancha-prazeres. Deve ser para nós justamente o contrário; ele nos resguarda de perder a alegria em resultado de uma crise financeira. O orçamento, além de prover às necessidades da família, pode também fazer com que se consiga adquirir artigos considerados de luxo, sem o sentimento desagradável de que não se têm recursos para isso.

Um orçamento resolve o problema da extravagância e da avareza. Auxilia-nos a eliminar os gastos desperdiçadores.

Se dependermos apenas da compra por impulso, iremos observar que o nosso ganho não é suficiente para satisfazer às necessidades básicas de cada dia. Num país com inflação ga-

lopante como o nosso, a pessoa é impulsionada a comprar a prazo, e com tanta compra a prestação, muitas vezes nos perdemos em dívidas. Há o caso de certo obreiro com família numerosa que comprou tantas coisas a prestação que do total de sua renda líquida, 60% era destinado a pagar os compromissos mensais. Eis aí a necessidade de orçamento, que capacitará o obreiro a comprar o que necessita dentro dos seus rendimentos.

No entanto, por outro lado, o orçamento não deve fazer da pessoa um avaro. Ao contrário, o orçamento se destina a levar em consideração os gastos que poderemos dispor em presentes e contribuições, e a provisão necessária para exercermos a hospitalidade. O orçamento nos ajudará a viver de conformidade com o conselho bíblico em I S. Pedro 4:9, que diz: "Sede mutuamente hospitaleiros sem murmuração."

Deve o orçamento ser, pois, um guia seguro entre o sorvedouro dos gastos extravagantes e a rocha da avarizia.

Um outro aspecto que desejamos salientar é que as despesas com vestuário, divertimento, assistência médica, aquisição e manutenção de automóvel crescem muitas vezes em proporção maior do que o crescimento da renda. Por isso, sendo possível, é necessário fazer uma reserva para enfrentar êstes gastos imprevisíveis.

Como é natural, os preços e as condições de vida variam regionalmente. Há disparidades regionais de custo de vida, diferenças entre o Norte e o Sul, assim como entre muitas cidades num mesmo Estado.

É mister que tenhamos sempre em mente o planejamento como o meio de solução para os problemas com nossas finanças pessoais.

Há um outro erro que lamentavelmente cometemos. É considerar que onde comem dois, comem três etc. Seria certo que onde vivem dois, viveriam três? Não nos referimos à hospitalidade ocasional, e sim à vivência permanente.

De acordo com as estatísticas orçamentárias, a resposta é negativa. Mesmo que um dêles trabalhe em casa, custará a um casal de 100/70 vezes o que custa a uma pessoa só para viver, em média. Isto porém, ainda é menos do que custa a dois para viverem separadamente.

Cada membro acrescido ao nosso lar, aumenta inevitavelmente o custo de vida da família. Se custa 70 para se viver só e 100 para se viver casado, custará 130 para viverem três, 160 para viverem quatro e assim por diante.

Felizmente a Obra concede uma bonificação mensal ao obreiro, bonificação essa que varia de acordo com o número de filhos. É fácil de se perceber por que razão aqueles que têm famílias numerosas enfrentam maiores dificuldades com a manutenção do lar, pois esta bonificação está muito aquém da despesa a ser

realizada. Neste caso, surge também o remédio necessário, que é o planejamento financeiro e mesmo familiar para enfrentar tal situação.

Para finalizar esta primeira parte de nossas considerações, mencionaremos ligeiramente a arte de gastar dinheiro.

Há pessoas que ao gastarem o seu dinheiro agem com regularidade, mas nem sempre racionalmente.

Certa vez, um economista americano calculou quanto custaria para adquirir uma dieta anual que fôsse a menos dispendiosa possível e que contivesse todos os ingredientes necessários à saúde, tais como vitaminas, ferro, cálcio etc. O custo anual foi surpreendentemente baixo; a dieta não consistia em alimentos tão dispendiosos, mas no entanto, continha os ingredientes necessários.

Qualquer lar bem administrado, ao comprar alguma mercadoria, certamente fará questão da boa qualidade do que compra e de que o preço que paga seja o mais baixo possível. Infelizmente nem sempre isto acontece conosco. Erramos quando temos o costume de comprar apenas em determinado armazém, sem executarmos uma sábia política de colocar em concorrência de preços as mercadoras que desejamos adquirir.

No próximo artigo faremos uma explanação de como poderemos planejar um orçamento.

Grande Cruzada Evangelística . . .

(Continuação da pág. 12)

Perspectivas e Agradecimentos

Esta campanha está produzindo grande bênção para os 33 obreiros que compõem a equipe evangelística, bem como para os membros da cidade do México e para toda a União Mexicana. Há um grande avivamento do fervor evangelístico. cremos que despontou um novo dia para o desenvolvimento de nossa obra nesta grande república.

Desejamos agradecer aos pastores Watts, Anderson e Kozel da Associação Geral, por seus conselhos e poderosas mensagens em favor da evangelização, proferidos por ocasião da Comissão Plenária da União.

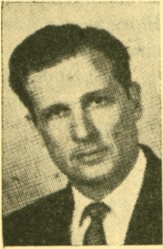
Também agradecemos à Divisão Interamericana pelo grande apoio prestado à campanha. O mesmo dizemos à Mesa Administrativa da União e da Missão Central, às Missões que enviaram obreiros, ao Colégio de Montemorelos, que enviou nove alunos, e ao Colégio Linda Vista, que forneceu três professores. Somos igualmente muito gratos à União Austral e à Associação Bonaerense por nos concederem os serviços do evangelista.

Rogamos as orações dos leitores por nossa obra nesta enorme cidade do México.

A Espôsa do Ministro — Auxílio ou Embaraço?

O. E. TORKELSON

Diretor do Ginásio Adventista de Detroit



NUM acampamento de juvenis, minha atenção foi atraída para um ambicioso menino de seis anos. Quando olhei para êle, esboçou um amplo sorriso. Com um colête salva-vidas alaranjado firmemente preso em volta da cintura, e tendo na mão uma rêde para apanhar borboletas, corria de um lado para outro do be-

lo local do acampamento.

Um dia, antes de travarmos amizade, consegui deter a Jaime, e para conquistar-lhe a confiança, comecei a fazer algumas perguntas.

— Em que trabalha seu pai? indaguei.

— Êle é um ministro, foi sua pronta resposta.

— E qual é o emprêgo de sua mãe?

— Minha mãe? perguntou êle um tanto perplexo.

— Sim, Jaiminho, acaso sua mãe não tem alguma ocupação?

— Oh! exclamou êle com um sorriso de satisfação. Minha mãe é a espôsa de um ministro.

O garôto foi embora, e fiquei entregue a minhas cogitações. Que resposta sensata, cativante, altiva e real!

Oxalá houvesse muito mais espôsas de ministros que se sentissem tão honradas de sua posição como Jaime a respeito do trabalho de sua mãe.

Espôsas de ministro — receio que haja cada vez menor número delas. Os ministros desempenham fielmente os seus deveres, mas onde estão as espôsas? Nas lojas de departamentos, debruçadas sôbre uma máquina de escrever, aos pés de algum professor, na frente duma sala de aula, junto a um leito de hospital — além de procurarem realizar dois serviços ao mesmo tempo. Pensai sôbre isso: Espôsas de ministros procurando servir a Deus e a —————.

Espôsas de ministros, erguei-vos e auxiliai vosso marido a concluir a obra de Deus nesta geração. Por que estais à procura de algo para fazer? Já tendes a vossa ocupação. A presente atitude que manifestais poderá aumentar os pro-

blemas de vosso marido. Tendes sido uma espécie de dona de casa ocasional em vez de espôsa de ministro, de tempo integral?

Nada auxilia mais uma pessoa que emprende grandes coisas, do que a ajuda de alguém. Duas pessoas empenhadas no mesmo trabalho animam-se mutuamente.

Resido num distrito suburbano, e ainda existe muito que fazer ali por volta. Quando me defronto com alguma tarefa desagradável, da qual gostaria de livrar-me, muito me auxilia a chegada de minha espôsa para ver como estou passando. Suas palavras de aprovação significam muito. Talvez ela traga alguns fósforos e jornais e queime os galhos da árvore sêca que acabo de derrubar. Esvazia o carrinho de mão e o torna a pôr na garagem. Aprecio quando ela está por perto; consigo realizar muito mais, e o trabalho me parece agradável.

A espôsa dum construtor poderá conhecer bem pouco das casas ou das atividades do marido, e os negócios prosseguirem sem que se note qualquer diferença. Talvez alguém alegue: Que importância tem se a espôsa de um advogado está ou não na cidade? Além disso, a espôsa dum médico talvez nem sequer saiba o que sucede diariamente no hospital ou na clínica. Mas algo é perdido quando a espôsa do ministro nunca aparece nas reuniões da Sociedade de Dorcas. A presença da espôsa do ministro num funeral, às vêzes significa mais do que a presença do próprio ministro. Numa igreja pequena, em que talvez as irmãs se reúnam num dia de semana para limpar o prédio da escola primária, seria tão bom se a espôsa do pastor também se encontrasse ali! Devemos lembrar-nos, porém, de que ela poderá ter outros deveres importantes a cumprir. Quem sabe o ministro queira convidar para o jantar a um jovem dentista ou médico de nossa igreja, que pense em estabelecer-se naquela cidade. Este convite talvez tenha de ser cancelado se a espôsa do ministro tiver de trabalhar como balconista ou secretária nalguma loja aquela noite. Também há visitas que o ministro precisa fazer, em que

a presença de sua esposa seria deveras valiosa para ajudar a solucionar problemas complicados e abstratos. Sua presença desarmaria o provável antagonismo encontrado pelo ministro.

O ministro e sua esposa representam uma sociedade espiritual. Todo aspirante ao ministério é admoestado a exercer muito cuidado e oração na escolha que fará de uma companheira para a vida. Os jovens fazendeiros na maioria das vezes manifestam bastante discernimento ao procurar uma esposa, e o mesmo deveria suceder com os que pretendem ingressar no ministério. Ao chamar um obreiro, a Mesa Administrativa da Associação deveria ter certeza de que a esposa desse jovem obreiro está com o marido e com Deus na obra do Senhor.

Sua discreta e bondosa voz ao telefone resolve muitos problemas antes de surgirem. As vezes, é a esposa do ministro que passa horas no hospital quando uma jovem mãe dá à luz seu primeiro filho. Quem sabe haverá muitas razões por que sua presença ali é importante. Quando a esposa do pastor já houver obtido experiência, poderá ajudar alguma jovem senhora que estiver a ponto de promover uma ação de divórcio, pois quem está melhor preparada do que ela para dar amoroso conselho cristão?

As chapinhas de projeção do seu espôso talvez apresentem outro problema. Estando mais perto dele, pode ela certificar-se de que se encontram em ordem e em posição correta. Familiariza-se com a máquina de escrever, com os bebês do Rol do Berço, com muitos outros pormenores da igreja e do lar — e acima de tudo com sua Bíblia e seu Deus. E que será melhor para impressionar um espôso atarefadíssimo, do que encontrar a esposa bem disposta, e a casa aseada e bem arrumada? O aroma de pães frescos é-lhe muito mais agradável do que encontrar sempre pilhas de pratos por lavar, ao regressar para casa.

Não, a esposa do ministro não deve renunciar à elevada posição de esposa e mãe para tornar-se simples empregada. Na opinião do seu marido é ela ainda a rainha do lar deles, não importa se esteja participando do grupo de limpeza da igreja, ou tocando órgão no templo. Conquanto sua principal responsabilidade se relacione com o lar, esse lar faz parte do ministério e serve a outros. Nunca deve preocupar-se em demasia com o trabalho do marido, a ponto de arriscar sua utilidade. Ele é importante, mas aprenda ela aos pés do Mestre como tratá-lo a fim de que realmente exerça suas funções de ministro.

É óbvio que ocasionalmente a esposa do ministro tenha de ocupar-se o tempo todo nalgum trabalho, mas isto constitui a exceção e jamais deverá servir de pretexto para ganhar dinheiro com o objetivo de comprar móveis modernos ou vestir-se melhor do que o termo médio

dos membros da igreja. Referente a essa questão, hoje em dia, convém que haja poucas exceções, e sejam elas tomadas apenas por tempo bem restrito, caso o ministro e a esposa desejem evitar dificuldades futuras. Os membros não podem ser induzidos a pensar que a esposa do ministro precise empregar-se. Tentar fazer isso simplesmente aumenta o problema e produz falta de respeito para com o ministro.

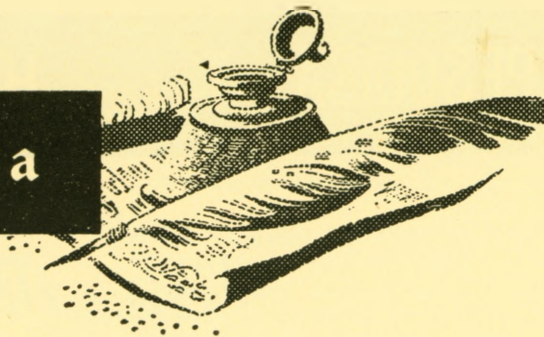
A maioria dos pastôres possuem bons carros e gozam de férias anuais, não mencionando alguns passatempos que acarretam despesas adicionais. É oportuno que reconsideremos a alta vocação de nosso ministério. Aos que ordenou para Sua obra, ofereceu Jesus uma cruz e a provisão para as necessidades da vida. Os ministros são humanos como as demais pessoas, e é natural que tenham necessidade de recreação, mas esmerados conjuntos de alta fidelidade, lanchas, casas na praia e as muitas superfluidades que os outros hoje em dia consideram importantes, via de regra não são incluídas nas necessidades dos ministros adventistas. É melhor que refreemos nossos desejos quanto a essas facilidades modernas.

A esposa do ministro pode economizar mais, não trabalhando fora de casa. Enlatar ou congelar alimentos na estação própria poupa dinheiro. A oportunidade de fazer compras em dias especiais de venda ou de preço baixo produz resultado. Outra medida de economia é costurar ela sua própria roupa e a dos filhos. O pão preparado em casa sai mais barato do que o comprado.

Se a esposa do pastor ambicionar fazer alguma coisa fora do lar, certamente seria conveniente que vendesse alguns livros ou revistas repletos da verdade. Semelhante ocupação é legítima e supre dinheiro adicional para os projetos que o ministro coloca sobre os ombros de nossos membros leigos. A esposa deve ensinar os filhos a considerar essa obra como enobrecedora — muito mais do que vender doces e bolinhos. O último pode ser o método escolhido pelas igrejas nominiais, mas o primeiro é o adotado pelos adventistas.

Portanto, esposas de ministros, fôstes chamadas por Deus para o vosso trabalho, da mesma maneira que o vosso espôso. Fôstes escolhidas para os deveres ministeriais e não para ganhar dinheiro. Deus nunca deixará de suprir as necessidades da família do ministro cristão, segundo prometeu. Sem dúvida confiáveis nEle para que o faça. Vossa vida tem sido honrada com o talento da influência na obra ministerial. Tereis de prestar contas dele. Certificai-vos de estar cooperando com Deus, a fim de que Ele vos abençoe na igreja. As irmãs leigas observam vosso interesse ou falta de interesse em apressar a volta de nosso Mestre. Sejamnos fiéis à nossa elevada vocação.

Nossa Língua



Melhoremos nossa Língua

Evitando os Seguintes Erros:

PEDRO APOLINÁRIO

Professor de Português e Grego



JAMAIS diga ou escreva:

Quando você ver o vizinho e sim: Quando você vir o vizinho.

Fazem dez anos que me formei e sim: Faz dez anos que me formei.

Custei muito a entender esta passagem e sim: Custou-me

muito entender esta passagem.

Ontem lhe vi na cidade e sim: Ontem o vi na cidade.

A conferência foi assistida por quinhentas pessoas e sim: Quinhentas pessoas assistiram à conferência.

Todos devem ir na Igreja e sim: Todos devem ir à Igreja.

Em casa nós somos em quatro e sim: Em casa somos quatro.

Muito prazer em cumprimentá-lo e sim: Muito prazer em cumprimentá-lo.

Convidamos a igreja para assistir o casamento e sim: Convidamos a Igreja para assistir ao casamento.

Deus lhe abençoe e sim: Deus o abençoe.

Aproveito-me da oportunidade e sim: Aproveito a oportunidade.

Não vá embora sem eu e sim: Não vá embora sem mim.

Não há nada entre eu e o irmão e sim: Não há nada entre mim e o irmão.

Via-se muitas pessoas na rua e sim: Viam-se muitas pessoas na rua.

Me traga o hinário e sim: Traga-me o hinário.

Não estou bem ao par do assunto e sim: Não estou bem a par do assunto.

Eu me precavenho contra os perigos e sim: Acautelo-me contra os perigos.

Haviam muitas pessoas e sim: Havia muitas pessoas.

Haja vista as dificuldades e sim: Hajam vista as dificuldades.

Residente à rua Sete de Setembro e sim: Residente na rua Sete de Setembro.

Os preços estão cada vez mais caros e sim: Os preços estão cada vez mais altos.

Prefero mais calar do que falar e sim: Prefero calar a falar.

Vou convidar todos eles e sim: Vou convidá-los todos.

Precisam-se de voluntários e sim: Precisam-se de voluntários ou precisam-se voluntários.

Terá lugar hoje à noite um programa e sim: Realizar-se-á hoje à noite um programa.

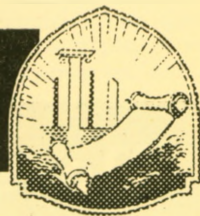
Eu já lhe conhecia bem e sim: Eu já o conhecia bem.

Nós chegamos na cidade domingo e sim: Chegamos à cidade domingo.

Um certo homem nos visitou e sim: Certo homem nos visitou.

Este é o hino que eu gosto mais e sim: Este é o hino de que mais gosto.

Aquêle jovem aspira ao ministério e sim: Aquê-le jovem aspira ao ministério.



Igreja e Adventismo

J. HUMBERTO CAIRUS

Presidente da Associação do Norte

I. Origem da Igreja

S. Mat. 16:18 — “Edificarei a Minha igreja.”

1. Os discípulos haviam participado da expectativa do povo judeu de que apareceria o Messias para libertá-los do jugo romano.

2. Jesus lhes faz saber que Sua missão era outra: estabelecer um govêrno espiritual e não um reino terrestre.

3. O próprio Jesus será a pedra angular, básica, e o fundamento seguro da igreja.

II. Definição da Igreja

1. Gr. *Ekklesia*; Assembléia civil ou religiosa.

2. O uso impôs o significado de congregação de adoradores religiosos.

A IGREJA ABRANGE:

a) A IGREJA UNIVERSAL INVISÍVEL.

Heb. 12:23. Sinceros adoradores de todos os tempos, a maioria dos quais são conhecidos só por Deus.

b) A IGREJA VISÍVEL

Compõe-se dos que professam a mesma Fé e Doutrina e pretendem seguir o Mestre.

Col. 1:24. Simbolicamente é o “Corpo de Cristo.”

c) CONGREGAÇÃO DE CRISTÃOS DE UMA COMUNIDADE, COM UM LUGAR COMUM DE REUNIÃO.

I Tim. 3:15. Deve ser a “Casa de Deus,” em que se ministram conhecimentos do plano de salvação.

“Coluna e baluarte da verdade.”

III. Razão da Existência da Igreja

1. UNIÃO

A doutrina limitada ao indivíduo, por boa que seja, carece de força.

Unidade pressupõe ordem; organização sistematizada.

Vantagens de um sistema: usa meios ordenados que conduzem a determinado fim.

2. COMUNHÃO

A congregação favorece a comunhão.

Estimula a preparação do expositor.

É aumentado o fervor espiritual.

Imita-se o exemplo estimulante.

O Espírito Santo infunde ânimo e fervor.

3. PRESERVAÇÃO E PROPAGAÇÃO DA DOCTRINA

O corpo de dirigentes: pastor, anciãos e diáconos, evitarão desvirtuamentos.

S. Mat. 28:20. Preparam-se para cumprir a Grande Comissão.

4. PREPARAÇÃO PARA O CLÍMAX

Supremo propósito da igreja: seu encontro com Deus.

Enquanto isso, exerce um govêrno espiritual sôbre os membros.

É uma escola de preparo e instrução para o clímax.

IV. Fatores Predisponentes em Favor da Igreja Cristã

No comêço enfrentou muita oposição: Cristo veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam. O judaísmo, perseguidor do cristianismo. É evidente que Deus permitiu e influenciou que alguns acontecimentos favorecessem o estabelecimento da igreja cristã, a saber:

a) A UNIDADE ROMANA: prevalecia uma mesma cultura e filosofia: a grego-romana.

A ampla difusã da língua grega: falada por tôdas as classes cultas; ensinada nas escolas primárias do império; usada nos teatros e nos ginásios etc.

Leis uniformes impostas por Roma.

Intercâmbio de funcionários: favorecia a unidade.

Transplantes étnicos (escravos).

b) A CONDIÇÃO DO IMPÉRIO ROMANO

Paganismo decadente.

Uma religião afastada da moral.

Ritos e formas destituídos de sentido intelectual e moral.

Catolicismo, uma derivação: ritos e dogmas com o sentido moral ausente.

c) O MITRAÍSMO

De maneira indireta favoreceu a entrada do cristianismo.

Propagou-se o mitraísmo, porque seu culto tinha sentido moral.

Defeituoso, por conservar ritos sem significação, como o sacrifício de touros.

d) O MANIQUEÍSMO (também zoroástrico)

Dualista: acentuada luta entre o bem e o mal. Logo as coisas não ocorrem por *capricho* dos deuses.

Ensinam que uma força impele ao bem e outra ao mal.

e) AS RELIGIÕES MISTERIOSAS

Indicam que havia anelo de regeneração, por isso prosperavam.

O "iniciado" (de Ísis por exemplo).

Período de instrução por um sacerdote.

Abstinências, abluções, comunicação da forma mística.

Uma experiência interior: a idéia de purificação do ser; conceito de regeneração; de união com a deidade.

f) A FILOSOFIA DO ESTOICISMO

Verdadeiros pregadores de túnica surradas, parados nas esquinas.

Defendiam a justiça; expunham a auto-suficiência da virtude.

Eram homens de grande força moral.

Moralmente, pôsto que de modo inconsciente, preparavam o ambiente para a igreja.

V. Superioridade da Igreja Cristã por:

1. Teologia monoteísta. Criação sem lendas.

2. Moral dualista. (Temporariamente somos dualistas. O mal e o causador do mal serão eradicados.)

3. O mal, um acidente remediável.

4. A Palavra de Deus (Rom. 3:1 e 2) passou do judaísmo para a igreja cristã.

5. A igreja entra numa moldura profética. Cumpre desígnios divinos, preanunciados.

6. Período "Jarismático."

7. Boa base para a unidade: Estabilidade doutrinária desde Adão.

8. Houve comunhão; as perseguições produziram maior fervor.

9. O Cristo crucificado e ressuscitado. Deus vivo.

10. O testemunho dos apóstolos.

VI. Relação Igreja-Adventismo

a) Fiel continuação da igreja apostólica.

Não foi influenciada por desvirtuamentos da verdade, como os seguintes:

Por Justino Mártir — adoração do dia do Sol.

Por Orígenes — interpretação mística, espiritualizada.

Por Constantino — a paganização.

Na Idade Média — a salvação pelas obras.

b) A MENSAGEM DE CRISTO

"Está próximo o reino dos Céus."

Cristo não deu tanta ênfase à doutrina, como ao "Reino" e ao "amor."

Grande comissão evangélica. Igreja missionária.

Os mesmos motivos impulsionam nossa igreja.

c) A MENSAGEM APOSTÓLICA

Cristo crucificado e ressurreto.

Cristo perdoa, justifica, santifica e salva. I Cor. 1:30.

Somos os genuínos continuadores da mensagem apostólica.

d) MENSAGEM DA IGREJA DO "DE-SERTO"

Salvação por amor, e não por receio ao inferno.

Simplicidade, em vez de ostentação.

A Palavra de Deus, em vez de relíquias.

Fé, em vez de obras.

Exemplo dos valdenses: colportores, evangelistas.

Seguimos os passos da "Igreja do Deserto."

VII. Distinta Mensagem da Igreja Adventista

1. Sua nota tônica: a volta de Cristo.

2. Apegamo-nos à mensagem de Cristo: não pode haver "Reino dos Céus," sem a intervenção do Céu.

3. Da Igreja Apostólica: Não há justificação válida, se não permanecermos leais aos mandamentos.

4. Da "Igreja do Deserto": A disposição de manter a verdade, pregá-la e vivê-la embora a "imagem da besta" estabeleça leis contrárias a ela, ou persiga seus defensores.

VIII. Conclusão

1. A mensagem do Cristo ressuscitado não teria muito valor se o mundo continuasse sempre da mesma maneira; se não fôsse renovado pela intervenção divina.

2. Será nossa igreja tão superior às outras formas de culto, como a Igreja Apostólica em seu tempo?

3. Se não o fôr, é porque falta união e comunhão.

4. Falta união e comunhão quando anda mal o "adventismo," ou seja, quando olvidamos a iminência do regresso de Cristo.

5. S. Mat. 24:48-50; Apoc. 22:20.



MÚSICA

O Canto Cristão - I

HUGO DARIO RIFFEL



NÃO há dúvida de que o canto cristão seja herdeiro direto do hebraico, e suas raízes nos levam aos Salmos e outros trechos musicais do Velho Testamento.

As referências acêrca do canto ritual nos primeiros tempos da Igreja Cristã não são muito abundantes, ⁽¹⁾ o que levou alguns a opinar que a música estava proscrita nos cultos da Igreja Primitiva. Não obstante, podemos reconhecer quatro fontes de informação para assegurar-nos que efetivamente se cantava naquele tempo. Ei-las:

1. O Nôvo Testamento
2. O Espírito de Profecia
3. Os Escritos dos Pais da Igreja
4. A História Secular

Vejamus algumas indicações. Por exemplo: Os apóstolos Tiago e Paulo aconselhavam os fiéis a cantar; Santo Inácio escreve aos efésios: "Formai todos um côro, para que, fusionando-vos em concórdia e tomando a nota dominante de Deus, possais cantar em unísono ao Pai, através de Jesus Cristo." Plínio, protetor da Bitínia, no ano 109 escreve ao imperador Trajano acêrca dos costumes cristãos, e menciona que se reúnem ao amanhecer, num dia determinado, "para se revezarem em cantar um hino a Cristo como Deus."

A forma mais antiga de canto cristão é a salmodia; no entanto, por falta de comunicação entre as diversas congregações, cada grupo tinha seus cânticos. Havia quatro maneiras diferentes de cantar:

1. Canto Antifonal, em que a congregação se divide em dois setores que cantam alternadamente.

2. Canto responsorial, no qual o solista se alterna com os fiéis.

3. Solo salmódico: O solista canta um salmo; é como uma espécie de recitativo.

4. "Indirectum" — assim se denomina o canto congregacional. Não sabemos como eram as

melodias, mas por analogia com as escolas hebraica e grega dominantes, supõe-se que o canto era silábico, severo e monótono. Os instrumentos foram excluídos da liturgia para diferenciá-la dos cultos pagãos; e as vozes femininas também são excluídas no quarto século.

Os hinos cristãos primitivos são os hinos de uma igreja perseguida, no entanto, tudo nêles era alegria, amor, fé e esperança; nunca aparece uma nota triste. Além disso, são hinos de caráter universal, procedentes duma época que não fazia distinção de credos ou seitas. Vejamus os três mais importantes: 1) "Tersanctus" ou "Trisagion"; baseado em Isaías 6:3. "Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a Terra está cheia da Sua glória." Já era cantado na liturgia hebraica. Provavelmente foi modificado no Século III, subsistindo a versão cristã que todos conhecemos. 2) "Glória in Excelsis": É o canto dos anjos na noite do nascimento do Salvador. Chama-se "Doxologia Maior." 3) "Te Deum Laudamus": É o mais sublime de todos, e uma espécie de salmo de louvor, dignidade e grandeza não superados.

O centro mais importante da música cristã primitiva é a cidade de Antioquia. Encontrava-se ali a origem do canto antifonal. Santo Inácio, que vivera nessa cidade, foi um grande propagador do uso dos hinos. Há uma porção de compositores de hinos gregos nos primeiros séculos da Igreja Cristã, sobressaindo três monges do mosteiro de Mar Saba, situado num lugar deserto. São êles: Cosmas, Estêvão e João Damasceno. Do último ainda são cantados dois hinos.

No Século VI, porém, foi codificada e ordenada a música cristã, pela genial obra de Ambrósio, bispo de Milão. Introduziu o uso de quatro tons melódicos segundo o estilo grego, e por sua vez compôs e ensinou hinos aos fiéis de Milão. Apesar de conhecer-se pouco acêrca do sistema e estrutura das melodias ambrosianas, temos certeza de que eram capazes de produzir nobres sentimentos. Escreve Santo Agostinho depois de havê-los ouvido pela primeira vez: "Como tenho chorado com teus Hi-

nos e Cânticos, profundamente comovido pelas vozes de tua docemente melodiosa Igreja!" — *Confesiones*, IX, 6. Finalmente aparece em cena o Papa Gregório, o Grande, que ocupou o trono pontifício entre 590 a 604. Apesar de que nem tudo o que se atribui tradicionalmente a Gregório seja obra sua, é muito certo que foi o iniciador dum sistema, que depois, desenvolvido e aperfeiçoado, ocupa tódia a Idade Média e constitui a base da música religiosa da Igreja Católica. Há numerosos autores de hinos na língua latina, destacando-se os três monges seguintes: Bernardo de Claraval, Bernardo de Cluny e Tomás de Celano. Este último, por volta do ano 1250, escreve o hino latino mais grandioso e descritivo, que tem inspirado os músicos e poetas de todos os tempos. É o famoso "Dies Irae."

Acompanhamos assim, de modo bastante su-

cinto, a fase inicial da música cristã, e seu desenvolvimento posterior. Talvez o ponto mais importante de todo o assunto seja encontrado nas palavras de S. Paulo aos coríntios: "... cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento" (I Cor. 14:15). Deus quer que nossas congregações retornem ao estilo daqueles tempos distantes, sem templos majestosos e órgãos sedutores, mas em que o importante era cantar com o "espírito" e com o "entendimento."

(1) Algumas referências bíblicas e do Espírito de Profecia, a respeito da música no Nôvo Testamento e a Igreja Cristã Primitiva:

S. Mat. 26:30; S. Mar. 14:26; Atos 16:25; Rom. 15:9; I Cor. 14:15 e 26; Efés. 5:19; Col. 3:16; S. Tiago 5:13; Apoc. 5:9; 14:3; 15:3.

Atos dos Apóstolos, págs. 35 e 214.

O Conflito dos Séculos (Nova Ed. Revista), pág. 41.

Educação, pág. 165.

O Desejado de Tódas as Nações, págs. 51, 53 e 502.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

Problemas Concernentes a Daniel 8

(Continuação)

6. APLICABILIDADE DO PRINCÍPIO DO DIA-ANO.— Quanto à coerência e propriedade de aplicar o princípio do dia-ano aos 2.300 dias do verso 14, desejamos dizer o seguinte: Em tódas as profecias de representação simbólica, afigurar-se-ia inteiramente apropriado considerar os acompanhantes períodos de tempo como sendo também *simbólicos*. E um símbolo invariavelmente representa algo diferente de si próprio. No capítulo sob consideração, os símbolos proféticos de nações — retratados em Daniel 8 por um "carneiro" e um "bode" — não significam um carneiro e um bode literais, mas o Império Medo-Persa e o reino da Grécia, respectivamente, segundo foi declarado a Daniel pelo anjo em sua interpretação. Aplicar êstes dois claros símbolos a animais literais, seria evidente negação e repúdio de seu caráter simbólico, e da interpretação dada pelo anjo.

Semelhantemente, cremos que no período simbólico de tempo dado em conexão com isso, os 2.300 "dias" não podem significar 2.300 dias *literais*. Devem representar algum outro espaço de tempo em cumprimento. Aplicá-los a igual número de dias — ou metades de um dia, como alguns procuram fazer — seria violar e negar seu caráter fundamentalmente simbólico. Tampouco somos deixados na incerteza quanto ao desígnio dêste aspecto de tempo. O princípio a ser adotado na interpretação de tempo simbólico, é: "Eu [o Senhor] te tenho dado um dia por um ano" (comparar Núm. 14:34 com Ezeq. 4:6). Acreditamos, portanto, em harmonia com muitos sábios eminentes através dos anos,* que os 2.300 "dias" proféticos indicam 2.300 anos literais no cumprimento, e que algo mais, e algo menos, seria contrário ao princípio básico do simbolismo de tempo.

Por volta de 1205, uma anônima obra Joaqui-

mita interpretava o número 2.300 como 23 séculos a partir do tempo de Daniel. Mais tarde Villanova identificou os 2.300 dias como anos, de acordo com o princípio do dia-ano. Então em 1440, o teólogo católico romano Nicholas Krebs de Cusa (*Conjectures of Cardinal Nicholas von Cusa Concerning the Last Days*), reconheceu os 2.300 "dias" proféticos como anos, que mesmo então datou a partir da Pérsia. Eis uma de suas notáveis declarações:

"Do mesmo modo foi revelado a Daniel de que maneira seria a maldição final após o santuário haver sido purificado e cumprida a visão; e isto depois de 2.300 dias a partir da divulgação da palavra... segundo o número predito por converter um dia num ano, em conformidade com a explicação feita a Ezequiel [+5 e 6]."— Traduzido de *Conjectura em Opera*, pág. 934.

Cumpre acrescentar que a disposição cronológica dos 2.300 dias-anos não é dada no capítulo 8. Foi-nos dito apenas que ela se referia a "dias ainda mui distantes" (verso 26), e que os eventos a dar-se em sua conclusão ocorreriam muito depois do tempo de Daniel — realmente, no "tempo do fim" (verso 17). (A fixação da data do período será considerada nas Perguntas 25 e 27.)

7. "CONTÍNUO" SERVIÇO DO SANTUÁRIO. — Daniel 8:11-14 está relacionado com o santuário — seus serviços diários, desolação e restauração. O vocábulo coletivo usado habitualmente para as várias partes do ritual diário — as ofertas, o incenso, as luzes etc. — é *tamid*, significando "contínuo" ou "regular" (ver Exo. 29:42; 30:7 e 8; Lev. 24:2). E *tamid* é o termo traduzido por "contínuo" ("costumado" na Edição Revista e Atualizada no Brasil) em Daniel 8:11, 12 e 13; 11:31; e 12:11. Em cada uma dessas vezes a palavra "sacrifício" é acrescentada pelos tradutores. À primeira vista, parece não haver motivos para isso. Lembrando, porém, que os sacrifícios da tarde e da manhã assinalavam os períodos de oração, incenso e sacrifício, torna-se evidente que a palavra "sacrifício," embora acrescentada pelos tradutores, não era totalmente inadequada. Afirmam os eruditos que na literatura rabínica ** tanto os sacrifícios da tarde como os da manhã são igualmente designados pelo vocábulo *tamid*, que aparece sozinho, como no texto hebraico de Daniel.

* E. B. Elliot, por exemplo (*Horae Apocalipticae*, 3ª ed., Vol. 3, págs. 226 e 227), faz alusão a "dois feitos devesas notáveis desse profeta [Ezequiel], que têm sido freqüentemente mencionados na controversia do dia-ano, por comentaristas anteriores. Numa ocasião foi-lhe ordenado por Deus deitar-se 390 dias sobre seu lado esquerdo perante o povo; para com isso tipificar, no caráter simbólico de sua representação, os 390 anos da iniquidade e concomitante aviltamento na nação de Israel; noutra ocasião, devia deitar 40 dias sobre o lado direito, para desse modo tipificar os 40 anos finais da iniquidade de Judá. E o significado destes dias simbólicos foi declarado pelo próprio Deus. 'Eu coloquei sobre ti os anos da sua iniquidade, segundo o número dos dias, trezentos e noventa dias. Designei-te cada dia por um ano.'— Exemplo mais claro e completo do que este dificilmente poderia ser desejado, como presumível chave e orientação para o significado dos dias nas visões simbólicas que estamos considerando."

Em vista destes fatos, a palavra "tarde" pode ser interpretada corretamente como significando "[sacrifício] da tarde," e "manhã," como significando "[sacrifício] da manhã," os quais juntos formavam um ciclo completo do diário, "regular" ou "contínuo" ritual do santuário. Obviamente são usados para indicar que esta é a visão concernente ao santuário. Destarte, ao mencionar o anjo as 2.300 "tardes e manhãs," Daniel naturalmente entenderia significar isto 2.300 unidades *tamid*, cada uma delas formada de um "[sacrifício] da tarde" e de um "[sacrifício] da manhã." Não imaginaria que metade delas fôsem "tardes" e a outra metade "manhãs," formando apenas 1.150 unidades completas, ou dias. Por conseguinte, a tradução "dois mil e trezentos dias," reflete apropriadamente o sentido da construção hebraica, e do contexto. ***

** A palavra hebraica *tamid*, para "contínuo," nos livros de Números e Êxodo, é aplicada aos pães da proposição, ao incenso, às ofertas queimadas, assim como especificamente aos sacrifícios da tarde e da manhã. No entanto, no emprêgo rabínico posterior, *tamid* era usado quase que exclusivamente para os sacrifícios da tarde e da manhã. Nota-se isto em obras como o Talmude — *Pesahim* 58a, 61a, 63a, 63b, 66b, 73b, 96a; e *Sanhedrin* 35b e na nota ao pé da página ("Pelo oferecimento do *tamid* ou holocausto diário"); *Sanhedrin* 36a, 44b, 49b, 88b, e nota ao pé da página; *Zebahim* 91a ("asperge o sangue do *tamid*").

Declara o rabi J. H. Hertz, no *The Pentateuch and Haftorahs*:

"O diário sacrifício contínuo (Heb. *tamid*) foi mais tarde chamado 'O Tamid.' Oferecido durante o ano todo, era 'o centro e a essência do culto público.'" — Sobre Núm. 28:2-8 (Ed. Soncino, Londres), pág. 694.

*** Estamos aqui de acordo com o Dr. Eduardo J. professor do Velho Testamento no Seminário Teológico Westminster, que defende o ponto de vista de dias completos (*The Prophecy of Daniel*, 1949, pág. 174):

"Significa 2.300 dias. Esta interpretação aparece nas versões gregas, nas obras de Jerônimo, bem como de muitos protestantes e na AV [K. J. V.], e demonstra ser correta. . . .

"Não existe apoio exegético para o ponto de vista de que a frase *tardes e manhãs* denote dever-se contar separadamente as tardes e manhãs, como sendo 1.150 tardes e 1.150 dias."

Comentando sobre a expressão semelhante: "quarenta dias e quarenta noites," de Gênesis 7:4 e 12; Exo. 24:18 e I Reis 19:8, Young argumenta não significar ela vinte dias e vinte noites. E os três dias e três noites de Jonas 1:17 não são interpretados como um dia e meio.

Declara Keil: "Devemos portanto tomar as palavras ao pé da letra, isto é, entendê-las como 2.300 dias completos." — C. F. Keil e F. Delitzsch, *Bible Commentary on the Old Testament*, *The Book of Daniel the Prophet*, pág. 304.

O Dr. Herbert C. Leupold, professor de Exegese do Velho Testamento no Capital University Seminary (*Exposition of Daniel*, 1949, pág. 354), também apóia a interpretação de dias de 24 horas:

"Temos aqui um dos maiores pontos cruciais de todo o livro: Que significam as 'duas mil e trezentas tardes e manhãs'? A expressão composta é tão incomum que confunde o leitor. . . . Esta, e a expressão equivalente do v. 26, referem-se ao mesmo período de tempo. Embora não possamos citar qualquer analogia no hebraico, o grego sugere algo semelhante, a saber, a palavra *nuchthemeron*, que significa 'uma noite e um dia' (II Cor. 11:25), no sentido de um período de vinte e quatro horas. Esta é a interpretação mais simples e conveniente."

Além das razões precedentes, que são fundamentais, admitimos como evidência corroborante o fato de a Septuaginta — a mais an-

tiga tradução de Daniel — e a versão de Teodócio, quatro séculos mais tarde, colocarem a palavra “dias” imediatamente após as 2.300 “tardes e manhãs,” para indicar o sentido. O vocábulo “dias” também é usado na Vulgata, na Versão Siríaca e na tradução alemã de Lutero.

É igualmente a tradução congruente dos expo- sitores judaicos na Era Cristã, bem como de cen- tenas de primitivos e posteriores exegetas cris- tãos. A *King James Version* (inglês) do mes- mo modo traz “dias” no texto, pondo “tardes e manhãs” na margem, mas retendo a “visão da tarde e da manhã” no verso 26. Alberto Barnes representa muitos dos comentaristas po- pulares, ao observar: “Não pode haver dúvida, entretanto, de que isto [uma tarde e uma ma- nhã] designe um dia.” — *Notes on Daniel*, sô- bre Daniel 8:14.

8. VINDICAÇÃO NO TRIBUNAL CE- LESTIAL. — A luz do que foi dito, cremos que o “santuário” apresentado em Daniel 8:11-14 não podia referir-se sômente ao Templo de Je- rusalém. Inferimos que o santuário a ser purifi- cado no fim dos 2.300 dias é o santuário no Céu, “que o Senhor erigiu, não o homem” (Heb. 8:2), e do qual o triunfante e ressurreto Se- nhor Jesus Cristo, que ascendeu ao Céu, é o grande Sumo Sacerdote (Heb. 8:1). Foi êsse “templo de Deus” que o profeta contemplou no Céu (Apoc. 11:19; 15:5). Acreditamos ser êste o templo que não sômente deve ser “puri- ficado” (Dan. 8:14), mas também “justifica- do” (margem), “endireitado,” “vindicado,” co- mo será mencionado em poucas palavras.

Os serviços típicos do santuário terrestre ser- viam de “figura e sombra das coisas celestes” (Heb. 8:5). Ora, no tabernáculo do deserto e no Templo posterior, havia cerimônias diárias e anuais. E compreendemos que a obra de Cristo, a partir de Sua ascensão e investidura como nosso Sumo Sacerdote celestial, foi pre- figurada pelo serviço *diário* no santuário terre- stre. Isto constituía a *primeira* etapa de Seu ministério celestial, oficiando como Mediador, e aplicando o sacrifício expiatório que Êle com- pletara na cruz.

Êste serviço diário do santuário terrestre, abran- gendo o sacrifício da manhã e da tarde — o *tamid* (hebraico), ou “contínuo” — prefigurou ade- quadamente a continua eficácia do sacrifício de Cristo nosso Senhor, consumado na cruz do Cal- vário. O Cristo ressurreto, nosso ministrante Su- mo Sacerdote, sempre vive “para interceder” por nós (Heb. 7:25). Por isso interpretamos Seu ministério celestial como sendo a mediação de Sua completa e sempre eficaz expiação, que Êle realizou e concluiu na cruz em favor do homem, aplicando essa expiação ao pecador individual,

ao aceitar êle a Cristo como seu Salvador pes- soal.

Mas o serviço anual do Dia da Expição (des- crito em Levítico 16) prefigurava a *segunda e final etapa* do ministério sumo-sacerdotal de Cristo — uma obra incluindo juízo. E acredi- tamos estar agora vivendo nesse tempo de juízo. Convém acrescentar que, de acôrdo com o con- ceito arminiano de individual responsabilidade para com Deus, nossa compreensão das Escrituras nos leva a crer que será examinado o re- gisto da vida de cada pessoa, e pronunciada sentença de juízo sôbre cada caso considerado. (Isto é apresentado mais plenamente na Pergunta 36.)

Êste juízo final não sômente envolve o ve- dicto de todos os casos perante o tribunal di- vino, mas resulta na justificação do caráter de Deus perante todos os sêres do universo. De- monstra por tôda a eternidade a falta de fun- damento e a falsidade das acusações de Satanás contra o caráter, o governo e a lei de Deus, e a justiça e equidade d’Ele em decidir que os que aceitarem as provisões de redenção cons- tituirão os cidadãos de Seu eterno reino e que a todos os pecadores impenitentes será vedado o ingresso a êle. O objetivo do julgamento, naturalmente, não é esclarecer a Deus, mas per- suadir para sempre a mente de todos os sêres racionais criados, anjos e homens.

O veredicto universal será: “Justos e verda- deiros são os Teus caminhos, ó Rei das nações!” (Apoc. 15:3); “Tu és justo, Tu que és e que eras, o Santo, pois julgaste estas coisas” (Apoc. 16:5); e “Certamente, ó Senhor Deus, Todo- poderoso, verdadeiros e justos são os Teus juí- zos” (Apoc. 14:7).

9. SIGNIFICAÇÃO DA PALAVRA “PU- RIFICADO.” — O sentido das várias expressões usadas pelos tradutores para indicar o pleno de- ssignio da “purificação” (Hebraico: *tsadaq*) do santuário-celestial (Daniel 8:14), não deve ser perdido de vista. Onze traduções diferentes aparecem nas versões correntes. Ei-las: (a) “Pu- rificado” (Septuaginta, Rheims-Douay, Moulton, Boothroyd, Spurrell, Martin, Vulgata, Harka- vy, Ray, Knox, Noyes, Francesa — Osterwald, Segond, e Lausanne — K. J. V. e A. R. V.); (b) “ser justificado” (Leeser; Sawyer; A. R. V., margem; K. J. V., margem); (c) “ser vitorioso” (Margolis); (d) “ser endireitado” (Smith-Godspeed); (e) “[ser] declarado justo” (Young); (f) “ser restaurado à sua condição legítima” (R. V. S.); (g) “ser tornado justo” (Van Ess); (h) “ser restaurado” (Moffatt); (i) “ser santifica- do” (Fenton); (j) “ser vingado” (Rotheram);

e (1) "ser consagrado" (Lutero). Ver *Problems in Bible Translation* (Review and Herald), págs. 174 e 175.

Os lexicógrafos clássicos concordam em traduzir *tsadaq* por "ser justo," "ser honrado." O *Lexicon* de Gesênio (Edição de Brown, Driver e Briggs) acrescenta: "ser endireitado" ou "ser pôsto em condição justa." E a *Revised Standard Version* traz a cláusula: "Então o santuário será restaurado ao seu estado legítimo." A tradução "purificar" evidentemente é emprestada da Septuaginta (*katharistheetai*), seguida pela Vulgata (*mundabitur*). Reconhecemos que a justificação e a vindicação do santuário levítico eram realizadas pelas cerimônias do Dia da Expição, quando o santuário era purificado de toda corrupção (Lev. 16:16).

Esta purificação, no entanto, era definitivamente incluída, pois em Levítico 16:16 menciona-se que era feita uma "expição," neste sentido, pelos filhos de Israel, devido a suas "impurezas." Nesse dia as "iniquidades dos filhos de Israel" eram removidas (verso 21). Cremos que o antítipo dêsse serviço será encontrado em conexão com o ministério de Cristo no santuário celestial, e isto é evidente de Hebreus 9:23: *

"Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos Céus se purificassem [*katharizo*] com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais [serão purificadas] com sacrifícios a êles superiores [o do Cordeiro de Deus]."

Tal é nossa compreensão do maior e mais amplo conceito do grande plano divino de salvar os homens, da maneira como é revelado em Daniel 8, pois desde a morte, ressurreição e ascensão de nosso Senhor, o santuário celestial é agora o centro da maravilhosa obra sacerdotal e intercessória de Cristo. Cessou o santuário da Terra com suas figuras e sombras. Mas no Céu desempenha Cristo Sua obra de mediação que culmina na atividade do julgamento. Por conseguinte, concluímos que esta mediação abrange tanto a ministração do sacrifício expiatório do Calvário a cada alma que aceita as provisões de Sua graça, como a eliminação final do pecado do universo de Deus. Cremos, portanto, que este ministério resultará na purificação ou destruição de tudo que se relaciona com o mal — Satanás, seu autor, e seus adeptos (S. Mateus 25:41; Heb. 2:12), a morte (I Cor. 15:26), e as obras do diabo (I S. João 3:8; comparar com Apoc. 20:10 e 14). — *Questions on Doctrine*, págs. 259 a 267.

* Brooke Foss Westcott (*Epistle to the Hebrews*, 1892, pág. 270) faz êste significativo comentário sobre Hebreus 9:23:

"O fato de que semelhante modo de purificar por sangue era prescrito para os instrumentos materiais de culto, conduzia à inevitável consequência de que deveria ser provida alguma purificação análoga e portanto mais excelente para os arquétipos divinos." "Toda a estrutura da frase requer que [a palavra] 'purificado' seja suprida à segunda cláusula pela primeira."



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia
Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo
Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Naor G. Conrado
Colaboradores especiais:
J. J. Aitken e A. E. Schmidt



Ano 32

Nº. 1

NESTE NÚMERO

CAPA: © Review & Herald — Harry Anderson, pintor.

ARTIGOS GERAIS

Como Ganhar Mais Almas	
D. A. McAdams	3
Sete Maneiras de Aumentar os Batismos	
Nicolás Chaij	4
O Livro de Ato do Século Vinte	
Jorge A. Coffen	6
Qual a Impressão que Temos da Colportagem?	
Nicolás Chaij	8
A "Justiça Pela Fé" Incentivou a Associação Ministerial — II	
Leroy Edwin Froom	9

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

Grande Cruzada Evangélica no México	
Roy F. Williams	11

OBRA PASTORAL

O Obreiro e Suas Finanças Pessoais	
Noé Avila	13
A Espôsa do Ministro — Auxílio ou Embarço?	
O. E. Torkelson	15

NOSSA LÍNGUA

Melhoremos Nossa Linguagem Evitando os Seguintes Erros:	
Pedro Apolinário	17

PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA

Igreja e Adventismo	
J. Humberto Cairus	18

MÚSICA

O Canto Cristão — I	
Hugo Dario Riffel	20

PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA

Problemas Concernentes a Daniel 8	
(Continuação)	21

